

# Os reféns das circunstâncias<sup>1</sup>

## *The hostages of the circumstances*

Éldi Marisol Saucedo

Mestranda em Comunicação, pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul - USCS; professora da Universidade Municipal de São Caetano do Sul - USCS na área de Língua Portuguesa.

Criada com a oportunidade de tornar público o processo de trajetória democrática no Brasil, a Coleção *Histórias da repressão e da resistência* vem a público para expressar a também conquista sobre o que se refere ao direito à memória, pois, como escreveu a Professora Maria Luiza Tucci Carneiro, organizadora desta Coleção, com a abertura dos arquivos do Deops<sup>1</sup>, “os pesquisadores têm a oportunidade de conhecer não apenas o mundo da repressão, como também de reconstruir o mundo fantástico da resistência, que felizmente não se calou durante os momentos de autoritarismo”.

Neste sentido, Priscila Perazzo construiu a lógica argumentativa de reconstrução da História do Brasil, por meio de sua tese de doutorado transformada agora em livro, com o objetivo de demonstrar como o governo brasileiro implementou a repressão ao nazifascismo no Brasil para endossar a direção assumida com o alinhamento aos Aliados.

A obra versa primordialmente sobre as relações diplomáticas do Brasil com os Aliados, mas faz uma incursão sobre o aprisionamento de pessoas não alinhadas ideologicamente com o Brasil na Segunda Guerra Mundial, dividindo-se em cinco partes, que abordam e aprofundam os assuntos apresentados a seguir.

A parte I – “Prisioneiros de guerra: uma categoria em discussão” – caracteriza o momento que trata dos direitos de Genebra, do rompimento diplomático entre o Brasil e os países do Eixo (Alemanha, Japão e Itália), e discute os prisioneiros de guerra em regiões brasileiras, caso do Estado de São Paulo, que deteve 30 pessoas além de 566 ex-tripulantes de navios detidos em Santos.

Na parte II – “Os campos de concentração no Brasil”, em que são apresentadas diferentes formas de internamento dos “súditos do Eixo” –, fala-se da transformação dos presídios e colônias agrícolas em campos de concentração, presentes em quase todos os Estados brasileiros, assim como se estudam com mais detalhes, por suas peculiaridades, seus modos operacionais e formas de tratamento destinadas aos grupos étnicos ali confinados.

Já a parte III – “O elo da negociação: as condições dos campos e o tratamento dos prisioneiros” – trata, em sua essência, da forma de internação, das condições de vida, da sobrevivência em situações extremas, da administração dos bens destes internos, assim como da discussão do pagamento, também chamado soldo, e, por fim, o tópico “censura concentrada”.

Na parte IV – “Diplomacia constrangida” –, registram-se fatos acerca de torturas realizadas e respectivos desdobramentos. Ações e reportagens jornalísticas foram feitas de modo a ilustrar a “vida boa” que os prisioneiros de guerra tinham, na tentativa de a imprensa e o governo transmitirem um pseudocotidiano paradisíaco, como se os prisioneiros estivessem hospedados em uma “colônia de férias”.

Na parte V – “Intermediários do diálogo” –, analisa-se a presença do Comitê Internacional da Cruz Vermelha enquanto entidade protetora institucional dos prisioneiros, representada, a partir de 1942, pelo suíço Eric Haegler; na sequência, há a enfática representação de interesses diplomáticos, o “porta-voz” dos alemães, visitas aos prisioneiros, concluindo-se pela apresentação do item “A organização da paz”, momento em que, com o final da guerra, ocorreu tanto a liberação dos presos como a desativação dos campos de concentração.

No final do livro, a autora apresentou conclusões, que seriam respostas e preocupações que a fizeram refletir sobre os assuntos por ela formulados no decurso de seu trabalho, como as medidas nacionalistas

<sup>1</sup> PERAZZO, Priscila Ferreira. *Prisioneiros da guerra: os “súditos do Eixo” nos campos de concentração brasileiros (1942-1945)*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fapesp, 2009. 384 p.

<sup>2</sup> Departamento Estadual de Ordem Política e Social.

organizadas e executadas pelo governo Vargas, por exemplo; a repressão empreendida contra alemães, japoneses, italianos; intervenções na imprensa nacional; e, por fim, desdobramentos dos horrores vividos pela humanidade durante a Segunda Guerra Mundial, a partir dos quais Priscila concluiu: “não podemos perder de vista as lições herdadas daqueles que sofreram atrocidades no passado, nem nos esquecermos dos direitos conquistados (...)” (p. 357).

Cabe ressaltar que a obra foi prefaciada pelo doutor em Relações Internacionais do *Institut Universitaire de Hautes Études Internationales* (Genebra), Ricardo Seitenfus, que escreveu: “Este é um livro que perturba”. Ora, mas por quais motivos esta afirmação é colocada logo no início do texto de Seitenfus? A autora do trabalho lidou com a alteração geopolítica ocorrida com a Segunda Guerra e seu desdobramento no Brasil, notadamente no campo diplomático e nas relações humanas decorrentes do alinhamento com os Estados Unidos e demais Aliados, sendo uma consequência perturbadora dessa transição os inconvenientes campos de concentração e a forma como os “inimigos” eram tratados, algo que demandou esforços para mascarar tal realidade perante a opinião pública brasileira e mundial.

A área de Comunicação Social é contemplada na obra de várias formas, sendo um desses desdobramentos a manipulação da informação pelo Estado, a atuação da imprensa brasileira e a autêntica guerra de informações entre Brasil/Aliados e países do Eixo, com frequentes acusações e denúncias mútuas relativas a maus-tratos e ruptura de direitos.

A existência de um conflito diplomático tomou corpo após anúncios da rádio oficial alemã de que haveria tortura por parte de brasileiros aos alemães nas dependências da Polícia Civil do Rio de Janeiro, algo que repercutiu em níveis nacional e internacional, ocupando páginas de diferentes jornais da época, e que acabou por pressionar o Itamaraty a tomar providências, não apenas para fazer valer a sua versão dos fatos, mas igualmente para eliminar as “(...) notícias de propaganda tendenciosa contra o Brasil”.

Sebastião Sampaio, da Delegação Brasileira em Estocolmo, planejou desfazer a possível imagem negativa do Brasil como consequência da repercussão daqueles chamados maus-tratos cometidos contra os prisioneiros, prontificando-se a levar tal posição do Ministério das Relações Exteriores à imprensa sueca, por ele considerada “a maior imprensa neutra mundial”. Como a iniciativa de Sampaio fora muito bem-sucedida, o governo brasileiro passou a preocupar-se com a manipulação das diferentes práticas e, por conseguinte, dos diversos modos de se noticiarem questões em que se viam envolvidos os chamados “súditos do Eixo”.

Ao se analisarem as imagens veiculadas, percebe-se que o principal objetivo de tantas reportagens na imprensa brasileira – jornais *O Globo*, *Diário da Tarde*, *Diário Carioca*, *Diário de Pernambuco* e *Estado do Pará*, bem como a revista semanal *O Cruzeiro* – era o de mostrar uma suave vida destes prisioneiros: alojados em casas amplas e confortáveis, deitados em redes de descanso, trabalhavam se queriam e quando assim o desejassem, algo totalmente diferente da vida real, pois eram colocados em celas, privados de alimentação adequada, de remédios e de assistência jurídica, médica e odontológica. Por conta disso, muitos adoeceram ou, mesmo, morreram em decorrência de torturas, desnutrição, depressão ou, ainda, por falta de higiene e possibilidades dos cuidados pessoais.

Dentro de uma análise das imagens na mídia, a autora apurou que a construção imagética de um espaço paradisíaco contou com a efetiva contribuição da imprensa brasileira da época getulista ao estabelecer diferentes graus de sofrimento e felicidade, que, com a força da imagem e da palavra, idealizou as nomeadas “realidades paradisíacas”. Tal comportamento da imprensa reflete, segundo a autora, algo que se apresentava como um dos elementos da negociação entre Brasil e Estados Unidos.

O que também deixa este trabalho de pesquisa a seus leitores é a certeza de que jamais as pessoas venham a se afastar do olhar da História, pois os ensinamentos recebidos desta amarga experiência não dão a ninguém permissão de ficar indiferente aos direitos conquistados.